O Outro Imaginado: Concepções Ressentidas Sobre Campo e Cidade

Márcia Pereira dos Santos [1]

Resumo:

O artigo discute as concepções de campo e cidade elaboradas por homens e mulheres que ainda têm o campo como espaço de vida. Tais concepções são analisadas à luz das discussões sobre a relação: história, memória e ressentimento, apontando para a questão das identidades dos sujeitos em destaque.

Abstract:

The article discuss the conceptions of country and city elaboreated by men and womem that still have the country as a space of life. These conceptions are analysed in light of the discussions about the relation history, memory and resentment, and also, pointing to the question of the identities that was brought in prominence.

Imaginar o outro implica, necessariamente colocar-se no lugar dele. Imaginar o outro impõe aceitar seu universo, conhecer suas tramas, experimentar seus cheiros, suas cores, ouvir seus sons, vigiar suas condutas, analisar suas decisões. Imaginar o outro significa tomar-lhe o lugar e avaliar, sentir, representar o que esse universo permite aos seus. Imaginar o campo ou a cidade, configurações historicamente construídas dentro de um imaginário de oposição, impõe imaginar como os seus se sentem em relação aos outros. E assim tentamos imaginar um campo e uma cidade saídos das falas daqueles que estão no campo. Não daqueles que estão na cidade, cujas vozes se perdem no burburinho cotidiano da urbs, no farfalhar de ruas e avenidas pontuadas de vida, mas sim daqueles cujas vozes se elevam junto com uma chuva rompante que clareia a noite, como se fosse luz de neom, mas que impõe apenas um brilho difuso de relâmpago.

---

[1] Professora do Curso de História, Campus Avançado de Catalão da UFG, desde 1998. Mestre em História Social pela UFU, defendeu em 2001 a dissertação de mestrado: *O Campo (Re) Inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste Goiano (1950-1990).*

Imaginar campo e cidade passou, no mundo ocidental desde a Inglaterra industrializada (Williams, 1989), a ser um processo de construir ideais e imagens do que se desconhece e apenas se imagina. Nascem campos pacíficos, bucólicos, cheios de uma graça inocente e ingênua. Nascem cidades de cores brilhantes em sua dinâmica barulhenta e produtiva. Ou nascem campos arredios, atrasados, de jecas barrigudos e indolentes; nascem cidades malignas, territórios da disputa, do descontrole. Imagens caras a quem sabe que o outro existe, mas o vê através de imagens, nunca através dele mesmo. Mas até que ponto essas imagens criadas sobre campo e cidade não são, também desejos, vontades não expressas de desvendar o segredo do que não se domina, do que se desconhece.

É nos processos de recordação, nos tramites da memória que vemos emergir cidades e campos imaginados. Como se fossem realidades vividas, esses campos e essas cidades, vão apoderando-se dos seus e dos outros. De todos.

Pesquisamos o campo. O campo goiano, um universo marcado pela luta diária imposta pela terra e por um sistema econômico que exige dedicação total (Santos, 2001). De sol a sol o campo sobrevive, mas esse campo sente-se roubado, sente-se perdendo as forças, é como se estivesse sendo sugada sua seiva, tornando-se, assim, árvore morta que perde a fibra, que perde o verde. Olha-se em volta e não se vê um culpado, não se vê o inimigo. Vê-se apenas o trabalho árduo e ingrato que não devolve o que lhe foi dedicado (Woortmam & Woortmam, 1997). O homem que está no campo Goiano não sente o dia que nasce, mas a noite que chega trazendo-lhe a dor de não ter mais identidade, de ter em algum ponto do caminho perdido a sua referencia de mundo (Naxara, 1992). É preciso compreender-se, mas como compreender-se?

Encontramos então o outro. Num processo de trocas ao falar do outro é o eu que se evidencia, que se expressa. Assim, encontramos homens e mulheres que tentam explicar-se a si mesmos, usando para tanto a imagem do outro como referência. Uma referência que é dor, que é ressentimento, tal como nos ajuda a pensar Pierre Ansart, uma dor prolongada, porque sentida como morte lenta, que deixa impotente e cansado (Ansart, 2001: 20-1).

Ao mostrar-nos quem é o homem da cidade, o homem do campo, o caipira se o quisermos (Candido, 1998), constrói seu auto-

retrato:

> *uai, sô o home na cidade é forgado. O imprego cumeça nove hora, dispois cinco hora pode vortá pra casa. Num capinô, num prantô intão ta é mais injuado do que cansado. Nois aqui não, quando chega a tardinha tá pregado*

A imagem construída por seu Joaquim Pereira, um homem de mais de 70 anos, roceiro como define a si mesmo, é aquela mediada pelo trabalho. Referência fundamental da vida do homem do campo, o trabalho define o sujeito, sua moral, suas virtudes. A facilidade do trabalho urbano, expressada na fala de seu Joaquim, cria a oposição fundamental entre ele e o outro. Enquanto ele levanta-se antes do sol, movido pelo mugir do gado, pela cultura do leite, o seu outro dorme tranqüilo esperando a aurora para dispor-se ao trabalho. Quando, para seu Joaquim já está chegando a hora de almoçar, nove horas é marco da vida no campo, para seu par urbano o trabalho está apenas começando, mas vejam, o trabalho desse "urbanoide" não cansa, enjoa, é tédio, porque desligado do natural, porque não se liga ao que é vida: a natureza. A imagem é dura: o urbano é o espaço do não trabalho e o não trabalho para o homem que está no campo é, diria Antonio Candido, condicionante a marginalidade, a estar fora da ordem. O que seu Joaquim cobra de seu par urbano é estar ativo para a vida. A noite chega e estar "pregado", significa estar extenuado porque passou se o dia todo na lida com a terra, com os animais, com os negócios que regulam o cuidado com a terra.

O homem urbano perdeu a terra. Não tem contato com ela, não sofre por ela. Sua vida tediosa embaralhada por questões que "enjoam", não responde ao que importa: ao plantar e colher. O homem da cidade não sabe trabalhar, porque não sabe que trabalho significa produzir fruto, produzir tuia cheia!

> *Eu não gosto da cidade. Aqui tem mais coisa que na cidade. Aqui ocê vê passarim cantá. Tudo aqui é mió que na cidade, tudo. Eu num gosto de barui atrapaiano eu durmi direito, urrano. O povo na cidade dormi é de madrugada. Aqui eu durmo cedo, agora eu vô durmi mais cedo. Lá na cidade vira uma confusão, luis dimais.*

A gente acustuma cum aquele horário de durmi e de levantá. Neim! Até a água é mais ruim!."

Barulho, confusão. Silencio, tranqüilidade. Tempos desencontrados. O tempo do campo e o tempo da cidade não são pares, são únicos, opostos (Williams, 1989). Seu Agenor constrói a imagem desse mundo incompreensível, ilógico. Mundos diversos num universo comum, mas que se excluem. E se excluem em termos de valor. Tudo é melhor no campo, tudo é mais suave, mais lento, mais normal. Falamos de tempos? Não, certamente, falamos de homens, de identidades. De sujeitos buscando explicar-se no intuito de convencimento. É preciso que entendam o outro, o outro que se vê, para que entenda-se a si mesmo. Se a água, substância divina, regida por deus, chuva que fertiliza, que faz brotar a vida é ruim, quem consegue viver num lugar assim? Só aquele diferente de mim, que não chora com a chuva setembrina que vem abafar o seco inverno do cerrado, que vem deixar florescer os Ipês, que renova a mãe terra, preenchendo-a com seiva. É impossível acostumar-se com o "povo" que dorme de madrugada, na hora de levantar! Tempos diferentes? Sim, temporalidades regidas por marcos diversos: o trabalho, os animais, a terra, a água; o campo natural que escuta pássaros se ressente. A cidade é barulhenta incompreensível, não tem nada, porque perdeu o essencial. O barulho artificial, forjado por máquinas espanta o sono de quem só ouve o ronronar macio da natureza. A cidade então é artificial, invenção oposta ao reino de Deus. A cidade iluminada...pelo anjo da luz, Lúcifer!

Imagem cruel. Dolorosa, ressentida. A cidade rouba do homem a sua identidade. Seria esse o inimigo a combater?

Ah! Eu acho aqui muito mió. Eu num posso falá que não vou mora lá. As veis tem que morá. Sabe, porque Catalão, a gente assim, si bem dizê, só tem a casa, né? Agora se ocê quisé passiá num tem quintal, num tem planta, num tem um mato. Purque eu sô acustumada a mexê cum essas coisa, mexê cum porco, cum vaca. Lá num tem isso, né? Lavá goma, lamparina num tem, intão é isso. Agora o que eu vô faze lá? Eu sei custurá, mais eu num gosto nem de olha máquina, de jeito ninhum.

O inimigo está aí, é preciso resignar-se a ele. Se ele vencer é preciso sucumbir. Mas a dor permanecerá como marca do não trabalho (Santos, 1997). Na cidade não existe o trabalho do homem da roça com "vaca e porco", existe trabalho com máquinas. Despidas de calor as máquinas não são bom trabalho, calejam mãos, mas não recebem um afago como o pequeno bezerro ou o cão sem raça que segue o dono pelos campos, pelos pastos, procurando nada, apenas acompanhar seu companheiro das "vastas solidões". Não existe espaço, não tem planta, na cidade não tem céu.

> *É bunito vê aquele tantão de luz briano, aqui na roça é só dois poste. Mais nois vê a formosura da lua e as istrela.*

Na cidade a energia elétrica roubou o brilho da lua, das estrelas, dos pequenos vaga-lumes que piscam luz, o mato na beira das estradinhas, dos caminhos que levam uma casa a outra, não um muro cercando uma casa, mas mato, mais terra, mais animais, caminhos dos que se entendem e se reconhecem. A cidade é irreconhecível, não evidencia meu eu, não me satisfaz. O homem do campo busca, à semelhança de Narciso, apaixonar-se por si.

Paixão que permitirá que se fique onde está, que se viva a vida que se quer, que se siga os caminhos pelos quais se cresceu, caminhos que viram homens e mulheres vivendo e lutando. Trabalho e terra: faces do homem da roça, do roceiro, do caipira, de um sujeito que sente a incerteza de não mais saber quem é, apenas quem foi (Candido, 1998). Todas as imagens construídas sobre a cidade pelos sujeitos alcançados por nossa pesquisa vêem carregadas de sentimentos. Sentimentos ressentidos, perdidos em uma dor de perder-se, de não se reconhecer no outro e de não se reconhecer em seus pares. A cidade venceu, com seu barulho, com suas luzes ela roubou do homem do campo o seu sonho: de que sua vida era a melhor do mundo. Nesse caso:

> *A questão essencial colocada, às vezes de difícil resposta, é a necessidade de compreender e explicar como o ressentimento manifesta-se, a quais comportamentos serve de fonte e que atitudes aspira, consciente ou inconsciente. Sem dúvida, localiza-se aqui um ponto essencial e particularmente significativo.* (Ansart, 2001: 21).

Daí nossa incursão por essas falas do campo que deixam entrever que o seu é um espaço vulnerável, que o trabalho com a terra não é mais o único trabalho possível, deixou à mostra a necessidade desses homens e mulheres criarem seus filhos abrindo-lhes, literalmente, as porteiras. Mas as porteiras abertas não apenas deixam sair, elas deixam entrar também. Deixam que a luz artificial, que as máquinas, que a necessidade do banco, que o remédio cura mais que a prece, entrem nesse mundo e o seduza, com suas novidades televisivas, com suas oportunidades imperdíveis a cidade entra pelas porteiras. Nunca esteve fora, mas agora entra dominadora, colonizadora, arrebatadora.

A cidade mata o campo.

E o campo está ressentido. Sua lógica foi substituída. Seu orgulho esfacelado. Ele precisa da cidade. A lembrança dos tempos antigos é marca do medo de perder tudo, de perder-se. De perder a identidade. Lembrar-se do antes, faz esquecer-se do hoje, faz pensar que o hoje é apenas o resultado da ação nefasta do inimigo. Implicando em uma forçada rememoração esse processo cria um novo espaço expresso materialmente, mas absorvido afetivamente.

O campo está ressentido.

Considerações de uma dúvida.

Nossa perspectiva de pensar as imagens de cidade que o campo produz tenta marcar uma trajetória que visualizamos e discutimos em nossa pesquisa de mestrado concluída a um ano atrás (Santos, 2001).

Buscamos compreender o processo de mudança porque passou o sudeste goiano no período de 1950/1990, acompanhando as mudanças na cultura dos homens e mulheres que têm o campo como espaço de vida. Atentamo-nos para uma necessária mudança de costumes e valores que não impediu permanências ou reinvenções de significados. Pelo contrário as mudanças se fazem sentir justamente pelo que está diferente: pelo mutirão controlado por associações rurais e não mais pelos mutirões organizados segundo a necessidade imediata; pelas festas de santo não mais sentidas como momento de fervor religioso mas de festejo profano; pelas rezas que não mais curam, pois o médico está mais próximo e não se gasta mais um dia inteiro de cavalgada para se alcançar a cidade, o carro e o asfalto aproximaram tudo; pela calça jeans que não implica em nada mais que a escolha do tama-

nho certo pois não impõe a cultura do algodão, a escolha das cores, o doloroso trabalho da tecedeira. Um mundo todo diferente que se erigiu sem destruir totalmente o que era antes, mas que também não se recusou ao novo e com ele trocando escolhas foi se fazendo também. O campo diferente vê, também, uma cidade diferente que oferece escolas, que oferece oportunidades, para quem é jovem, para quem não tem a terra como sinônimo de si, para aqueles cuja identidade está a salvo. O momento de perigo faz recorrer-se ao passado, (re) atualizando a teima em resguarda-se sob uma identidade, sob uma significação.

Influenciadas pelas discussões sobre memória que tenho empreendido venho procurando me envolver com os sentidos e com as paixões de tantos relatos que pude coletar visitando fazendas circundantes ao núcleo urbano do município de Catalão. Nessa busca foi inevitável defrontar-me com a questão das identidades e da busca por decifra-las e mantê-las por homens que vivem o fim do século XX, sem, no entanto sentirem, a tão apregoada modernidade que atinge o mundo como um todo.

Essas vozes do presente que contaram dores, que fizeram escolhas, que abriram seus tesouros, hoje, (re) observadas, clamam por uma nova expressividade. Seu grito não foi alto o bastante? Estão presas entre folhas e um título?

Entendendo o processo de recordação como um processo de atualizar o passado (Seixas, 2001: 50-3), é possível visualizar em tais vozes uma dimensão afetiva marcada por uma perda. E o que pude notar, o norte que dei para o início do texto o expressa, é que é preciso investigar mais o que essas vozes do presente deixam explícito: a imagem negativa de cidade que pude observar e que, como apontado anteriormente, fala mais do campo que da cidade, permitem ver um ressentimento que acredito, estou forjando uma hipótese de pesquisa nesse momento, estar ligado a um processo de (des-re) construção de identidade porque passou o campo brasileiro na segunda metade do século XX. A novidade está no fato de pensar como esses homens e mulheres reconstróem suas identidades justamente no momento de perigo que as mesmas passam e, então, essa identidade pontua-se pelo que ela deveria ser: o campo idealizado! Não o campo do cotidiano, o campo trivial do dia-a-dia, mas o "bom campo", historicamente construído por um imaginário apregoador da oposição campo e cidade. Não é novidade a forma de ver a cidade que os sujeitos que vivem no campo

possuem, apresentando a cidade lugar ruim e vice-versa. A novidade é pensar esse processo como um gesto de defesa de uma identidade que se escoa. E é um processo sentido de forma fatal e, necessariamente, se é impotente frente a ele e, aqui estaria, se acompanharmos a leitura de Pierre Ansart, sobre as possibilidades da história do ressentimento, aqui estaríamos nós, investigando esse processo historicamente construído de uma "hostilidade" entre campo e cidade que, no caso em destaque, apontaria para a questão da identidade que se quer preservar, ou até mesmo se construir, haja vista a dificuldade, geral e não apenas acadêmica, em se falar de uma identidade para o homem brasileiro. Tudo isso considerando que:

> *A tarefa do historiador é infinitamente mais delicada quando se propõe a analisar e compreender a evolução das hostilidades (...). Ao mesmo tempo o historiador não duvida da importância dos ódios coletivos, embora encontre extrema dificuldade de compreendê-los em todas as suas nuanças e contradições.*
> *A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constitui, entretanto como um móbil das atitudes, concepções e percepções sociais. (...) Situamo-nos aqui nas fronteiras do conhecível, nos limites dos conhecimentos seguros; o estudo dos ressentimentos nos conduz, necessariamente, a estas zonas confusas e, em parte incertas.* (Ansart, 2001: 29-30).

Tentamos, assim, contemplar novas preocupações que vem nos inquietando e nos apresentando a relação campo e cidade como espaço inesgotável de possibilidade de investigação para o historiador. Nossa busca confunde-se, também com uma tentativa de apreender a memória como pluralidade que nos conduz, não apenas ao conhecimento do passado, mas percebendo que, também:,

> *Lembramos menos para conhecer do que para agir, sublinham os autores modernos. Nessa perspectiva, a memória é menos um entender o passado do que um agir; impossibilidade, portanto de se cogitar uma me-*

mória desinteressada, voltada para o conhecimento puro e descompromissado do passado. (Seixas, 2001:53)

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, S. NAXARA, M. (org). *Memória e (Re) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito.* SP: Livraria Duas Cidades, 1998.

NAXARA, Márcia Regina R. A construção da identidade: um momento privilegiado. In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo: Marco Zero. v. 11, set.91 \ ago. 92.

SANTOS, Márcia P. *O Trabalho na Demão: mãos solidárias em ação.* Catalão: CAC/UFG, 1997. (Monografia).

___*O Campo (Re) Inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano. (1950-1990).* Uberlândia: Instituto de História/ UFU, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memória em Terras de História: problemáticas atuais". n: BRESCIANI, S. NAXARA, M. (org). *Memória e (Re) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

WILLIANS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura.* SP: Cia das Letras, 1989.

WOORTMAM, Ellen. WOORTMAM, Klaas. *O Trabalho da Terra.* Brasília: Editora da UnB, 1987.